

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L755 Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar 2 [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-206-7

DOI 10.22533/at.ed.067202307

1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR 2, coletânea de vinte e três capítulos que une pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais, discute temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber, como marcado pela proposta multidisciplinar fixada no seu escopo maior.

Destarte, esse volume está ancorado em três eixos maiores: a Linguística, a Letras e as Artes. É assim que o diálogo se dá, sempre observando o entrelaçar com outras áreas, assim como o debatido e refletido a partir de construções sociais para o tema.

No momento dedicado a Linguística, temos doze capítulos que atravessam as variadas correntes analíticas dos estudos linguísticos, dos estudos advindos das contribuições de Saussure até mesmo a aplicação do ensino de língua, seja portuguesa ou inglesa, e a sua interação com o suporte, com o livro didático.

A etapa voltada para a Literatura, apresentamos seis capítulos que mantêm essa proposta de diálogo com a atualidade e com os dilemas sociais do momento, assim observamos discussão que paira os livros infantis e as representações de sentimentos e perturbações humanas na composição literária.

As Artes aqui congregam cinco capítulos que abordam a dramaturgia, a pintura e a música, esta também dialogada com a experiência e o exercício do profissional da área.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A LÍNGUA COMO ELEMENTO DE PODER: UMA REVISÃO HISTÓRICA A PARTIR DOS EXCERTOS DE SAUSSURE	
Lucas da Silva Paulino	
DOI 10.22533/at.ed.0672023071	
CAPÍTULO 2	15
A INTERFERÊNCIA DOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS NA CONCORDÂNCIA VERBAL	
Renné da Glória Andrade Valéria Viana Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0672023072	
CAPÍTULO 3	20
CASOS DE FLUTUAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO: ATOS DE FALA DO CAMPO SEMÂNTICO DE DÚVIDA	
Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque Alessandra Zager Tinoco Viana	
DOI 10.22533/at.ed.0672023073	
CAPÍTULO 4	38
ENTRE PALAVRAS E PALAVRÕES CAMINHA A HUMANIDADE: INTERFACES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS	
Samara Trovão Meneguetti Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023074	
CAPÍTULO 5	51
A PERSPECTIVA INTERACIONISTA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA E COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO DE INTER-RELAÇÕES	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023075	
CAPÍTULO 6	63
ONDE ESTÁ O SUCESSO? UMA ANÁLISE DA OBRA “O SUCESSO PASSO A PASSO”	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.0672023076	
CAPÍTULO 7	78
POLIFONIA DE ENUNCIADORES E OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023077	
CAPÍTULO 8	91
DISCURSO JURÍDICO E PLANEJAMENTO FAMILIAR: ANÁLISE SOB UM VIÉS FOUCAULTIANO	
Felipe Bini Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023078	

CAPÍTULO 9	102
GÊNEROS TEXTUAIS E DOCÊNCIA COMPARTILHADA, UMA PRÁTICA AO AUXÍLIO DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM	
Cleber Cezar da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0672023079	
CAPÍTULO 10	113
ATIVIDADES DE ENSINO DE VOCABULÁRIO EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO: SOB OS ASPECTOS LEXICAIS	
Rosemeire de Souza Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230710	
CAPÍTULO 11	125
O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO HISTÓRICA SOBRE ESTE INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	
Gabriela Schmitt Prym Martins	
Roberta Costella	
DOI 10.22533/at.ed.06720230711	
CAPÍTULO 12	137
PRÁTICAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS CURTOS EM LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.06720230712	
CAPÍTULO 13	144
A FUNÇÃO SOCIAL DOS LIVROS INFANTIS COM PROTAGONISTAS/PERSONAGENS NEGROS	
Thamiris Adão Ferreira da Silva	
Jovana Aparecida da Silva	
Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230713	
CAPÍTULO 14	154
PERCEPÇÕES SOBRE O LIVRO CHAPEUZINHOS COLORIDOS DE JOSÉ ROBERTO TORERO E MARCUS AURELIUS PIMENTA	
Katiane Dal Molin	
DOI 10.22533/at.ed.06720230714	
CAPÍTULO 15	164
TEXTURAS E TESSITURAS DA LÍRICA: UM MODO DE LER A POESIA DE MAX MARTINS	
Carolina da Costa de Almeida	
Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.06720230715	
CAPÍTULO 16	176
A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA, MORTE E LUTO NO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA	
Thaína Martins da Silva	
Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230716	

CAPÍTULO 17	187
RELACIONAMENTO ABUSIVO COMO MORTE METAFÓRICA: ANÁLISE DA OBRA RETRATOS DE CAROLINA DE LYGIA BOJUNGA	
Ana Carolina de Castro Batista Thiago Alves Valente	
DOI 10.22533/at.ed.06720230717	
CAPÍTULO 18	198
CAMILO CASTELO BRANCO NO SÉCULO XXI	
Luiz Eduardo Martins de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.06720230718	
CAPÍTULO 19	208
O FIO DA NARRATIVA MÍTICA NA TRAMA DE DRAMATURGIAS FEMINISTAS	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
DOI 10.22533/at.ed.06720230719	
CAPÍTULO 20	216
A CIÊNCIA AO SERVIÇO DA ARTE E DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO: TRÊS CASOS DE ESTUDO EM PINTURAS MURAIS DO PROJETO <i>PRIM'ART</i>	
Milene Gil Duarte Casal	
DOI 10.22533/at.ed.06720230720	
CAPÍTULO 21	227
OS TRANCOS DO PROGRESSO: O OLHAR CAIPIRA SOBRE SÃO PAULO NA MODA DE VIOLA BONDE CAMARÃO	
Carlos da Veiga Feitoza Beatriz Magalhães Castro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230721	
CAPÍTULO 22	243
SITUAÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA: ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR NA E FORA DA ÁREA DE MÚSICA	
Juraci Alves Silva Neto Cíntia Thais Morato	
DOI 10.22533/at.ed.06720230722	
CAPÍTULO 23	258
A MÚSICA E O INGLÊS DE MÃOS DADAS NA “TARDE CULTURAL”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL ROTARY NO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ-RN	
Danilo Augusto de Menezes Giann Mendes Ribeiro Rita Célia Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.06720230723	
SOBRE O ORGANIZADOR	269
ÍNDICE REMISSIVO	270

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA, MORTE E LUTO NO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Data de aceite: 13/07/2020

Data de submissão: 23/04/2020

Thaína Martins da Silva

Graduanda em Letras pela Universidade do
Estado de Minas Gerais(UEMG) Campus
Carangola – MG

<http://lattes.cnpq.br/0498777441345229>

Lídia Maria Nazaré Alves

Doutora em Letras pela Universidade
Federal Fluminense [http://lattes.cnpq.
br/2845413992599596](http://lattes.cnpq.br/2845413992599596)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo o estudo e a análise da obra “A Terceira Margem do Rio” de João Guimarães Rosa. Relacionamos à temática da obra como uma representação da loucura, o que leva à marginalização e o afastamento social de uma das personagens, além de enunciar a presença da morte e do luto presentes no conto de maneiras alegóricas. A definição e história da loucura serão apresentadas de forma sucinta no que tange a sua relevância para o presente estudo. Para a definição da morte e luto, serão abordados o seu conceito quanto à ciência antropológica da morte. Para uma melhor análise a respeito das alegorias existentes no conto, será feita uma inferência com alguns mitos e personagens presentes na mitologia

grega. Além de uma apresentação geral do conceito morte, segundo a tradição cristã e suas crenças, em conjunto das crenças da antiga Grécia, no tocante morte.

PALAVRAS-CHAVE: Loucura; Morte; Luto, Alegoria; Guimarães Rosa.

THE REPRESENTATION OF MADNESS, DEATH AND MOURNING IN THE TALE “THE THIRD BANK OF THE RIVER” BY JOÃO GUIMARÃES ROSA

ABSTRACT: This work aims to study and analyze the work “The Third Bank of the River” by João Guimarães Rosa. We relate to the theme of the work as a representation of madness, which leads to the marginalization and social distancing of one of the characters, in addition to enunciating the presence of death and mourning present in the tale in allegorical ways. The definition and history of madness will be presented succinctly regarding its relevance to the present study. For the definition of death and mourning, its concept of the anthropological science of death will be addressed. For a better analysis of the allegories existing in the tale, an inference will be made with some myths and characters present in Greek mythology. In addition to a general presentation of the concept of death, according to the Christian tradition and its beliefs, together with the beliefs of ancient

Greece, in the regard for death.

KEYWORDS: Madness; Death; Mourning, Allegory; Guimarães Rosa.

1 | INTRODUÇÃO

Neste artigo, abordaremos temas como loucura, morte e o luto, assuntos sempre discutidos ao longo de período da existência humana, em variadas regiões e culturas. É inerente ao ser humano essa característica de explorar esses temas, a fim de criar significações que possam dar um sentido à existência efêmera do homem, mesmo que essas possíveis explicações sejam por meio da religião e crenças de uma determinada sociedade em qualquer período da história humana.

A ciência que possui a morte como seu objeto de estudo é a antropologia, mais especificamente a antropologia da morte. Esta ciência trata de analisar a morte e seu ritual fúnebre em diversas culturas como forma de perceber o impacto e angústia causada por ela e de como os indivíduos dessas sociedades lidam com o falecimento (MALYSSE, 2000, p.3).

Os gregos acreditavam que, no momento da morte, o indivíduo perdia a individualidade, pois agora estaria incorporado ao cosmos. Para eles, uma forma de evitar essa perda, pelo menos não de forma completa, era através da realização do rito funerário, pois, ao ter a sua própria tumba, o falecido estaria mantendo um pouco da sua própria essência (SANTOS, 2010, p.349).

É como pensarmos que o ritual funerário deve ser um momento de despedidas, tristezas e lágrimas; porém, em algumas culturas como a da África do Sul, por exemplo, o rito funerário é comemorado como uma grande festa, com o uso de roupas coloridas e grandes banquetes. O motivo dessas extravagâncias se dá pelo ritual fúnebre ser longo, além de ser um costume visitar a casa da família que sofreu a perda. As condolências costumam durar por uma semana, principalmente à noite (NKOSI, 2011.). Essas formas de significar a morte e de como ela deve ser tratada apontam para uma crença de continuidade de uma vida após esta, presente em diversas culturas e religiões.

Porém, de modo menos desolador, a loucura aparece como uma pequena morte, a morte da sanidade, a morte do que é real ou não. Ao longo das épocas, a loucura foi tratada de diferentes formas. Antes de Freud, por exemplo, na antiguidade romana e grega, a loucura era tratada como uma prática mitológica sendo classificada como uma manifestação sobrenatural causada pelos deuses e/ou demônios da mitologia da época (MILLANI, VALENTE, 2008, p. 3).

Na época da inquisição, formada por tribunais da Igreja Católica, como era em voga na época relacionar tudo que não fosse “padrão” dentro das imposições da Igreja, a loucura também foi tratada como uma manifestação demoníaca, fazendo com que as pessoas de tal condição mental fossem caçadas e até mesmo aquelas que não eram loucas acabavam sendo acusadas como tal (MILLANI, VALENTE, 2008, p. 3).

Mesmo após essas épocas mais remotas, os portadores da loucura continuaram

sendo marginalizados, tratados como animais, trancafiados, surrados e mortos. Pois é a racionalidade que diferencia os homens dos animais, logo, por não possuir mais a sua própria racionalidade, o louco poderia ser bestializado, desumanizado e, para tentar controlá-los, os loucos começaram a ser internados em manicômios.

No século XIX, a psiquiatria estava se esforçando para encontrar um critério que fosse seguro para distinguir o que era a loucura do que era dissimulação. Porém, a loucura continuava a ser um mistério para os estudiosos, o profissional psiquiatra conseguia identificar a loucura no paciente, mas não sabia explicar cientificamente o que era (GARCIA-ROZA, 1998, p.30).

O sonho acaba reproduzindo as mesmas características da loucura. O sonho de uma pessoa “normal” adormecida se caracteriza como a sua loucura interior, já o louco é o que sonha acordado e, por isso, externa a sua loucura (MOREAU apud GARCIA-ROZA, 1998, p.30).

Como a literatura representa a vida e o cotidiano, seja o de um burguês, algum representante de alguma minoria étnica e/ou religiosa, a literatura também busca retratar personagens portadores de transtornos patológicos como a loucura e/ou a depressão, por exemplo.

Por conseguinte, é possível perceber que Guimarães Rosa busca representar personagens com essas características, como em “A Terceira Margem do Rio”, cuja estória é sob a ótica do personagem narrador que inicia a sua história sobre como um dia em que seu pai decidiu encomendar uma canoa para que, assim, ele pudesse ficar na “terceira margem do rio”. O enredo proporciona variadas interpretações acerca da mensagem do conto.

Algumas das possíveis teorias é que a estória trata-se de uma analogia à morte de um ente querido e de como, para determinadas pessoas, é extremamente difícil deixar a pessoa que “partiu”, de fato, “ir em paz”, uma vez que a pessoa de luto se prende às lembranças dos dias passados com quem se foi. Além de estarem representadas de forma alegórica a morte e o luto.

Em vista disso, questiona-se sobre a possibilidade de realizar uma leitura do conto Rosiano “A Terceira Margem do Rio” como um texto profundamente alegórico que visa abordar tanto a loucura, quanto a morte e, por conseguinte, o luto. Em vista que, para isso, o autor tenha utilizado a margem do rio e a canoa como principais fontes alegóricas para essas possíveis interpretações.

Nossas hipóteses são positivas para essas perguntas. Ao analisar o trecho em que o pai resolve encomendar uma canoa para si, a canoa, simbolicamente, é a representação do caixão, e a terceira margem do rio para qual ele deseja ir é o caminho para o “outro lado”, o lado espiritual, o lado da morte. Em algumas culturas, o barco e seus similares representam a morte, em vista que se tornam um meio de levar as almas dos mortos atravessando a fronteira da vida e da morte.

Já a outra possível interpretação, essa quase canônica, é de que o conto se refere à loucura, pois o pai estaria representando as pessoas que estão sempre na terceira margem, a margem da loucura (RODRIGUES, 2016, p.235). Guimarães Rosa é conhecido por abordar

a loucura como um tema recorrente como, por exemplo, nas obras “Sorôco, sua mãe, sua filha” e “A menina de lá”.

Em a terceira margem do rio, é referenciável um não lugar, um lugar inexistente, sendo real apenas no psíquico de algumas pessoas. “O não lugar é o lugar da falta da razão e, portanto, da loucura” (RODRIGUES, 2016, p.235). Logo, a terceira margem criada por Rosa pode ser essa margem da loucura, da insanidade e que, por isso, causa a marginalização dos indivíduos que permeiam a margem, dos que sobrevivem à margem da sociedade, um lugar para todos aqueles que não foram “catalogados” dentro do padrão “normal”.

Outros autores já se interessaram sobre estes temas, tais como Silva (2013), Rodrigues (2016), Minuzzi (2014) e Okamoto (2008). O primeiro deles desenvolveu um estudo abordando “A Loucura na Terceira Margem do Rio” (2013), o segundo direcionou o seu estudo para a “Pessoa na Terceira Margem do Rio” que aborda o luto como um tema para o conto, uma vez que a tentativa do filho para sustentar a lembrança do pai pode ser caracterizada como uma necessidade que as pessoas têm de manter viva a memória, a presença dos seus entes queridos e da dificuldade de aceitar a morte (RODRIGUES, 2016, p. 234). O terceiro teórico aborda “Mia Couto e simbologia de barcos: navegar, mais do que possível, é sonhável”. Neste estudo, ele aborda acerca de simbologia dos barcos e rios como um símbolo da morte como no trecho “[...]o único caminho para se chegar ao mundo dos mortos, ao avesso do mundo dos vivos, é através das águas, em cima de um flutuante veículo, o que transforma a morte em uma viagem [...]” (MINUZZI, 2014, p.1). Já o último, seguiu a mesma linha do primeiro teórico sobre a loucura, como pode se comprovar pelo resumo “A terceira margem do rio, da obra Primeiras estórias, publicado em 1962, de Guimarães Rosa, causa um estranhamento ao leitor que se leva a questionar: onde fica a terceira margem do rio? Sem dúvida, a temática do livro é a loucura [...]” (OKAMOTO, 2008, p.64).

Este artigo justifica-se porque, como representantes do Curso de Letras, entendemos que a literatura, com as teorias que sustentam as leituras, constitui um espaço de experimentação que influencia o amadurecimento das interpretações diversas de um mesmo texto, pois a literatura é ampla e, por isso, capaz de abranger inúmeros temas e significados dentro de uma única história, o que contribui para o enriquecimento de debates, estudos e pesquisas acerca dos temas propostos.

Noutro ponto, acreditamos que este artigo possa expor o papel fundamental da literatura na questão social acerca da representação de indivíduos marginalizados como os considerados loucos, os negros, os gays, todos os que habitam o “lugar de minoria” na sociedade. Além da abordagem de temas mais melancólicos como a profunda tristeza causada pelo luto e como isso influencia o cotidiano dessa e as relações pessoais desse indivíduo.

Quanto à metodologia, este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica explicativa, a partir do estudo feito por diferentes teóricos no que se refere às possíveis interpretações do conto analisado.

2 | REFLEXÃO ACERCA DAS ALEGORIAS DA LOUCURA, MORTE E LUTO PRESENTES NO CONTO

A alegoria (do grego *αλλος*, *allos*, “outro”, e *αγορευειν*, *agoreuein*, “falar em público”, pelo latim *alegoria*) trata-se de uma figura de linguagem de uso retórico que tem como característica expandir o significado dos termos referidos, podendo, assim, transmitir um ou mais sentidos além do sentido literal (CEIA, 1998).

Segundo Carlos Ceia, “Uma alegoria é aquilo que representa uma coisa para dar a ideia de outra através de uma ilação moral” (1998, p.1). A alegoria serve para dar esse sentido de duplicidades às palavras, termos, textos, entre outros. São colocadas propositalmente pelos criadores da obra como forma de deixar subtendidas possíveis significações abertas, fazendo com que se iniciem diversas discussões quanto ao “verdadeiro significado” da obra.

A figura de linguagem alegórica, quando funcionando por uma relação de semelhança, proporciona ao leitor uma ampliação quanto à interpretação e proporcionado uma exemplificação de significados profundos (ALVES, REINEHR, 2014, p. 4).

Para realizar a decifração de uma alegoria, é preciso sempre de uma leitura intertextual que possibilite a identificação de um sentido abstrato e/ou mais profundo, sempre correlacionado a uma questão moral (CEIA, 1998, p. 2).

Em “A Terceira Margem do Rio”, há a presença alegórica da loucura iniciada pelo comportamento “anormal” do pai do personagem narrador. Guimarães Rosa não deixa explícito que o estranho comportamento do pai é, de fato, causado pela patologia; porém, deixa sempre subtendido, de forma alegórica, em certos trechos do conto. Como, por exemplo, em um trecho o narrador menciona o termo doido e questiona a sua própria sanidade e que, por algum motivo, tal palavra não pode ser pronunciada no leito familiar.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo. (ROSA, 1994, p. 411)

No trecho citado, é possível perceber a forma sutil que o autor aborda a loucura como algo delicado e, até mesmo, em certas ocasiões, como um tabu; mas, em seguida, ele propõe uma discussão a respeito da loucura ser uma patologia inerente ao ser humano e, possivelmente, hereditária, em vista que, em um momento, o filho aceita trocar de lugar com seu pai na incansável missão de habitar a terceira margem, pois, segundo ele, seu pai já cumprira a sua missão e agora ele está velho e cansado. A loucura, neste trecho, é considerada como uma aceitação pessoal, uma plenitude pessoal, um abraço a loucura.

A loucura como uma predisposição patológica fica evidente no seguinte trecho:

Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia. (ROSA, 1994, p. 410-411)

Uma vez que foi levantada a possibilidade do filho herdar a loucura do pai, pois, segundo a opinião de um conhecido, ele estava bastante parecido com o pai, o filho discorda, pois, para ele, a diferença estava na aparência dos dois, em vista que agora o pai possuía arquétipos de uma pessoa largada, descuidada e, até mesmo, animalesca, essa última uma clássica caracterização de pessoas loucas, que é a desumanização delas perante a sociedade, submetendo-as a um nível de animal.

A morte também é tratada de forma alegórica nesse conto Rosiano, só que diferente da loucura, essa alegoria se encontra de forma mais sutil e até mesmo despercebida. Essa representação da morte é posta logo no início. “Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador” (ROSA, 1994, p. 409). Neste trecho, há a alusão à canoa que, como já mencionado na introdução, tem, como uma possível representação, um caixão; porém, quando se analisa com base na mitologia grega, o ato do pai de encomendar a canoa que coubesse justamente o remador, remete-nos ao mito grego de Caronte, o barqueiro do inferno. Filho de Érebo (a Escuridão) e de Nyx (a Noite), Caronte era um deus antigo e imortal cuja função era transportar, para além do Aqueronte e Estige, as almas dos mortos em sua barca fúnebre e estreita. Aqui pressupõe que Guimarães, em sua genialidade, tenha utilizado o mito de Caronte de forma alegórica para representar a partida do pai para o outro mundo, uma representação de morte.

Vale ressaltar que, em todo o conto, o filho e alguns outros familiares, às vezes, vagueavam pelas margens do rio na esperança de ver o pai na canoa, às vezes na tentativa de lhe chamar a atenção como no trecho “A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados” (ROSA, 1994, p.411). A coincidência, ou talvez de forma intencional pelo autor, é que esse trecho remete de forma clara umas das funções do deus Caronte que “repelia impiedosamente as sombras daqueles que haviam sido privados de sepultura, e deixava-as errar durante cem anos sobre as margens do rio, aonde em vão estendiam os braços para a outra margem” (MITOLOGIA ONLINE, 2016). Além de que nenhum mortal vivo poderia adentar em sua barca.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. (ROSA, 1994, p. 413)

Junto com a alegoria morte, está o luto, presente na incapacidade do filho aceitar a morte de seu pai e não aceitar que ele agora habite a “terceira margem” (a morte). Sempre

ao longo do conto procurando por motivos que levaram a seu pai “partir” para tal destino solitário ao meio do rio, mas que, no fim, ele aceita que o pai deve partir.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio. (ROSA, 1994, p. 413).

3 | A MORTE NA TRADIÇÃO CRISTÃ

A religião, desde os tempos antigos aos dias de hoje, tem servido como um bálsamo para aliviar as dores, tristezas, dúvidas e, acima de tudo, proporcionar um sentido existencial para aqueles que creem. No âmbito da psicologia, para alguns, a religião é entendida como uma instância que procura organizar tudo aquilo que não pode ser suportado. Segundo a necessidade do ser humano de ter um controle sobre os aspectos do mundo e da natureza à sua vontade e proporcionado uma proteção contra os demônios internos e inimigos contra a inevitável morte (BRUSTOLIN, PASA, 2013, p. 58).

Acreditar no cristianismo é acreditar na vida após a morte, na ressurreição, assim como foi a de Cristo, e que nada é o fim, principalmente para os justos merecedores da vida eterna no paraíso. Essa crença ajuda a proporcionar um alívio quanto ao medo da morte. A esperança da eternidade e de um paraíso para alcançar é a esperança mais pujante para alguns indivíduos que creem em Cristo.

Para o teólogo espanhol Cardeal (2003, p.27, apud BRUSTOLIN, PASA, 2013, p.60), “pensar a morte significa remeter-se a uma história em que Deus revelou seu amor indo ao encontro dos seres humanos para transformar a morte em vida. Narrar essa história é anunciar que o amor é o essencial anúncio do Cristianismo”.

Tudo o que os cristãos detêm em relação à morte tem por meio da Sagrada Escritura. No Antigo Testamento, a morte e a sua experiência é tratada de forma ambígua, pois ao mesmo tempo em que ela é tratada como um fim natural à vida, por outra visão, ela é tratada como uma maldição e como uma provação que temos que passar, uma vez que Deus é o senhor da vida e da morte (BRUSTOLIN & PASA, 2013, p. 63).

4 | A MORTE NA GRÉCIA ANTIGA

A morte, para a mitologia grega, era representada por Thanatos, filho de Nyx. O dever de Thanatos não estava, necessariamente, ligado a matar, mas sim de acolher o morto, passando muitas vezes como um libertador e, até mesmo, desejado por alguns que gostariam de acabar com seus sofrimentos em vida com a morte (MARCUS, 2012, on-line). Para os gregos:

Thanatos simbolizava não só o aspecto perecível da vida, a impermanência da existência, como a revelação de algo que veria a seguir. Não significava propriamente nada de monstruoso, de horrível, mas possibilitava o acesso, através dos adequados ritos funerários, a novas formas de existência que lembravam ideias de recomeço ou de evolução (MARCUS, 2012, on-line).

No trecho, fica nítido como os gregos não pensavam de forma tão diferenciada dos cristãos em relação à morte, pois ambas as crenças acreditavam em um pós-vida, que há algo mais além da morte seja o paraíso da bíblia ou os campos elísios da mitologia, ambas as concepções se assemelham a um lugar de paz e descanso para os mortos que mereceram tais lugares, o mesmo vale para a concepção de inferno e do tártaro, lugares de almas torturadas, amaldiçoadas e pecadoras que merecem as suas punições.

Os costumes funerários da antiga Grécia variam de épocas em épocas como, por exemplo:

Nos poemas homéricos, a praxe era a cremação. Na época clássica, o sepultamento era comum e a cremação só ocorria em casos excepcionais. Em Atenas, como se disse, a necrópole oficial era chamada de Cerâmico, de onde partia a estrada em direção do Santuário de Elêusis. [...] O cemitério ficava na parte externa, fora dos muros, perto da porta chamada Dipylon (esta palavra, em grego, significa tudo o que é duplo, como o corpo e a alma, tudo que é dividido por dois; por esse nome designavam-se também as pinças do escorpião) (MARCUS, 2012, on-line).

O culto aos mortos na Grécia, em alguns aspectos parecido com o do antigo Egito, pois o morto, mesmo em sua sepultura, estava bastante ativo e interferindo de forma presente na vida dos vivos. Era o costume realizar certas oferendas como bebidas, comidas e, até mesmo, o sangue. Eram tomados muitos cuidados para não despertar a ira dos mortos, para isso, era importante que eles sempre fossem lembrados pelos vivos e a melhor forma de fazê-lo era através de oferendas para agradar os mortos (MARCUS, 2012, on-line).

Considerando que o pai está morto e o filho tem de lidar com essa realidade, no conto há uma passagem que remete a essas práticas de oferendas aos mortos.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a ideia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. (ROSA, 1994, p. 410).

5 | RESULTADO DA DISCUSSÃO

Como foi proposto no início deste trabalho, cuja discussão gira em torno das alegorias da loucura, morte e luto na obra “A Terceira Margem do Rio” de Guimarães Rosa. Torna-se evidente que Guimarães se utilizou da figura de linguagem, alegoria, para abordar temas

delicados como os já citados.

A literatura tem como característica abordar assuntos presentes em nossa sociedade, antiga ou moderna, principalmente a loucura que é histórica; desde tempos antigos, os loucos estiveram presentes, sejam de fato portadores dessa patologia ou pessoas subversivas que eram consideradas “loucas” por aqueles que detinham o poder de apontar o que era normal e aceitável e o que era um comportamento controverso e inaceitável. Porém, a loucura também significa liberdade para ser quem qualquer pessoa deseja ser e para viver sem se importar com o julgamento de terceiros, pois como disse Aleister Crowley (1904) “Fazes o que tu queres, há de ser o todo da Lei”. É dessa maneira que o dito como louco vive para realizar suas vontades e desejos, como o pai no conto que um belo dia resolveu largar tudo para poder permear a terceira margem do rio, neste caso, considerando uma análise literal quanto à existência do rio. O medo do filho de ficar igual ao pai é o medo que está presente em todos nós, o medo de nos perdemos em nós mesmos e abraçarmos a nossa loucura interior que é presa e controlada por convenções sociais. Neste sentido, a loucura pode ser considerada libertadora.

Quanto à morte, é possível analisar que, até mesmo em visões de culturas e religiões e crenças diferentes, trata-se de um aspecto da vida humana que não aprendemos aceitar, pelo menos não de forma totalmente plena. O medo da morte e o sofrimento que ela causa faz com que busquemos por consolos, sejam, por exemplo, em religiões ou em barganhas pessoais como as presentes nas cinco fases do luto de Elisabeth Kubler-Ross (1992) que são:

- 1) A Negação: Isto não está acontecendo;
- 2) Raiva: Do porque aquilo está acontecendo especificamente como ele;
- 3) Negociação: Também conhecida como barganha, é o estágio das ofertas como, por exemplo, desejar viver só para ter o tempo de ver o filho crescer, ou até mesmo barganhar com a bebida alcoólica, outros entorpecentes e sexo;
- 4) Depressão: A fase da extrema tristeza e vazio pessoal;
- 5) Aceitação: A fase de aceitar que não podemos mudar as coisas, pois elas são como são e que, por isso, devemos seguir com nossas vidas.

Ao longo de todo o conto o filho apresenta esses sinais sobre a ida do pai na canoa (caixão), para a terceira margem do rio, aqui tendo um sentido figurado sendo analisada como a morte. O filho se sente triste pela partida do pai, depois passa para o sentimento de indignação, sobre os motivos que levaram o pai a ir para a terceira margem, passou pela fase de negociação, depressão e, por fim, a aceitação da ida do pai. “Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado” (ROSA, 1994, p. 413).

6 | CONCLUSÃO

Com toda a discussão realizada, pode-se vislumbrar a genialidade de Guimarães Rosa, em criar uma obra de estrutura tão profunda, tornando-se possíveis análises de diferentes ângulos e vertentes de pensamentos tanto filosóficos e religiosos quanto científicos. A abundância de possíveis significados no conto “A Terceira Margem do Rio” torna a sua leitura uma leitura de prazer, uma vez que faz com que o leitor aprofunde-se em na busca por compreensão e reflexão.

Foi possível segmentar o estudo do artigo em três interpretações do conto Rosiano: a loucura, a morte e o luto, caracterizando a perfeição da obra em proporcionar significações tão diferentes, mas que são todas possíveis, quando se fazem diferentes leituras de um mesmo trecho, por exemplo.

Guimarães Rosa consegue suscitar essas possíveis significações, de forma perfeita e completa, utilizando-se de representações alegóricas, algumas apresentadas de forma mais explícita e outras mais escondidas no texto que necessitam de análises mais dedicadas e profundas como, por exemplo, o simbolismo da canoa e seu ocupante como a representação de Caronte, o barqueiro responsável pela travessia dos mortos na mitologia grega.

REFERÊNCIAS

BRUSTOLIN, Leomar A.; PASA, Fabiane, M. L. A morte na Fé Cristã: uma leitura interdisciplinar. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 54-72 jan. /jun. 2013.

CEIA, Carlos. Sobre o conceito de alegoria. *In: Matraga*. Lisboa. Universidade Nova. Portugal. n.10, outubro de 1998. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/nrsantigos/matraga10ceia.pdf>> Acesso em: 07 de out. 2019.

CROWLEY, Aleister. **O Livro da Lei**. Ed. 1. Chave, 01 de dez. 2017

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. A pré-história da psicanálise – I. *In:___*. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998. p. 30.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MALYSSE, Stéphane. Antropologia da morte: um fato social fatal. (Org.). **Opus Corpus. Antropologia das aparências corporais**. Disponível em: <<http://www.each.usp.br/opuscorpus/PDF/t11p1.pdf>>. Acesso em: 01 de set. 2019.

MARCUS, Cid. Grécia Antiga – A vida e a morte – Costumes Funerários. **Cid Marcus**. 07 de set. de 2012. Disponível em: < <http://cidmarcus.blogspot.com/2012/09/grecia-antiga-vida-e-morte- costumes.html>>. Acesso em: 08 de out. 2019.

MILLANI, Helena de Fátima Bernades; VALENTE, Maria Luisa L. de Castro. O caminho da loucura e a transformação da assistência aos portadores de sofrimento mental. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**. (Ed. port.) v.4 n.2 Ribeirão Preto ago. 2008. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762008000200009>. Acesso em: 08 de out.2019.

MINUZZI, L.P. Mia Couto e a simbologia de barcos: navegar, mais do que possível, é sonhável. *In: II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades*, 2015, Vitória. **Anais do Congresso Africanidades e Brasilidades**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.v.1. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufes.br/cnafricab/article/download/9499/6512>>. Acesso em: 01 de set. 2019.

MITOLOGIA ONLINE. **Caronte – O Barqueiro do Inferno – Mitos da Mitologia Grega**. 2016. Disponível em: <<https://www.mitologiaonline.com/mitos-lendas-historias/caronte-o-barqueiro-do-inferno/>>. Acesso em: 08 de out. 2019.

NKOSI, Milton. **Sul-africanos arruinam finanças em festas de funeral**. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/11/111127_funeral_africa_do_sul_financas_mm>. Acesso em: 09 de out. 2019.

OKAMOTO, Monica. O Tema da Loucura em Machado de Assis e Guimarães Rosa. **Línguas & Letras**, vol. 9, nº17, p. 57-70, 2008.

REINEHR, Toani Caroline; ALVES, Lourdes Kaminski. O Grotesco e a Construção Alegórica em Ensaio sobre a Cegueira e as Intermitências da Morte, de José Saramago. **Línguas & Letras**, v. 15, n. 29, jun./dez. 2014.

RODRIGUES, Sérgio Murilo. Pessoa na terceira margem do Rosa. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio**, n. 28, p. 233-241, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/download/P2358-3231.2016n28p233/10387>>. Acesso: 10 de out. 2019.

ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. *In: ___. Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

SANTOS, S.F. Ritos Funerários na Grécia Antiga: Um Espaço Feminino. *In: I Congresso Internacional de Religião, Mito e Magia no Mundo Antigo*, 2010, Rio de Janeiro. Fórum de Debates em História Antiga. RJ: UERJ, 2010. V.1.p.111-111. Disponível em: <<http://neauerj.com/Anais/coloquio/sandraferreira.pdf>>. Acesso em: 02 de out. 2019.

SILVA, Valéria Fernanda da. **A loucura na terceira margem do rio**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 24, 63, 64, 74, 76, 77, 91, 92, 100

Artes 15, 20, 38, 51, 63, 78, 90, 91, 102, 109, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 210, 211, 213, 215, 216, 227, 229, 234, 240, 241, 243, 257, 258, 259, 261, 264, 266, 269, 270, 271

Atos de Fala 20, 21, 22, 26, 37, 233

C

Camilo Castelo Branco 198

Concordância Verbal 15, 16, 17, 18, 19

Conto 102, 103, 108, 154, 155, 156, 158, 161, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

D

Discurso Jornalístico 78, 79, 80, 81, 89

Discurso Jurídico 91, 97

Dramaturgia 202, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215

E

Ensino 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 37, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 68, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 148, 154, 208, 236, 244, 251, 252, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 269

F

Função Social 144, 148, 150

G

Gênero Textual 102, 104, 108, 109

I

Interacionista 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 60

Interpretação 57, 70, 71, 76, 79, 116, 123, 127, 130, 137, 138, 140, 141, 143, 151, 153, 155, 164, 166, 168, 178, 180, 232, 243, 246, 256, 257

L

Letras 15, 19, 20, 31, 38, 42, 51, 58, 61, 63, 76, 78, 91, 92, 102, 103, 111, 112, 113, 125, 136, 137, 139, 144, 146, 154, 164, 165, 176, 179, 186, 187, 197, 198, 208, 216, 217, 227, 230, 242, 243, 258, 265, 266, 269, 270, 271

Língua Estrangeira 8, 10, 11, 20, 21, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 138, 139, 142, 143, 258, 259, 260, 264, 266

Língua Materna 9, 20, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 117, 126, 128, 130, 135

Linguística 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 24, 26, 36, 38, 41, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 73, 74, 76, 78, 90, 91, 92, 102, 113, 114, 125, 128, 131, 133, 137, 144, 154, 164, 166, 174, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 232, 237, 243, 258, 269, 270, 271

Lírica 164, 166, 167, 168, 169, 171, 174

Livro Didático 113, 114, 115, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 142, 153

Livro Infantil 145, 151, 189

Loucura 99, 100, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 204

Luto 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185

M

Morte 93, 157, 158, 162, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 192, 195, 196, 197, 205, 206, 209, 213

Multidisciplinar 15, 20, 38, 51, 63, 78, 91, 98, 102, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 243, 246, 253, 257, 258, 269, 270, 271

Música 28, 118, 119, 227, 229, 230, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

N

Narrativa Mítica 208, 210, 212, 214

O

Operadores Argumentativos 78, 83, 89

P

Palavras 1, 15, 20, 26, 38, 39, 41, 42, 49, 51, 56, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 78, 80, 81, 82, 86, 89, 91, 102, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 132, 137, 140, 141, 142, 144, 146, 149, 154, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 180, 187, 198, 202, 208, 216, 227, 231, 232, 233, 241, 243, 258, 265

Pintura 169, 217, 218, 221, 222, 224

Poesia 149, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 202, 203, 234

Polifonia 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90

Prática de Leitura 104, 108, 110, 111, 140

S

Semântica 13, 20, 22, 23, 25, 27, 28, 31, 36, 37, 40, 41, 54, 77, 79, 110, 116, 127, 173

V

Viola 227, 228, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 